ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO COM MÃES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Nurses' performance with mothers of children with autistic spectrum disorder: an integrative review

Denilda Gomes Viana¹, Lucimar Santana Silva¹, Gabriel Vinícius Reis de Queiroz²,
Bárbara Sgarbi Morgan Fernandes³, Vanessa Costa Alves Galúcio⁴

ISSN: 2178-7514

Vol. 13 | Nº. 2 | Ano 2021

RESUMO

A mãe é o membro da família que mais faz adaptações em seus papéis e em suas rotinas de vida, diante do tempo de dedicação e cuidado com seu filho com Transtorno do Espectro Autista TEA. Esse redimensionamento das atividades cotidianas por parte das mães pode causar impactos econômicos, práticos e emocionais em seus cotidianos. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi identificar no acervo literário as estratégias de atuações do enfermeiro com mães de crianças com TEA. Para a elaboração desta revisão integrativa, foram realizadas buscas nas bases de dados - MEDLINE, LILACS e BDENF. Utilizando-se a combinação dos descritores Enfermagem, Transtorno do Espectro Autista, Cuidado e Mães. Incluíram-se artigos publicados em periódicos na língua Inglesa e Portuguesa; com período de publicação entre 2010 a 2020. Foram coletados 148 estudos, contudo se enquadraram como amostra desta pesquisa 06 artigos. Após leitura dos estudos coletados, emergiram três categorias de análise: Apoio de enfermagem à mãe com o filho autista, Impacto do Diagnóstico, Percepção das Mães com Terapia de grupo para crianças autistas. O presente estudo permitiu identificar que o enfermeiro possui grande importância no apoio ao diagnóstico e no acompanhamento de crianças com TEA e seus familiares, atuando com a educação em saúde e sendo considerado o elo entre a família e os demais profissionais da saúde envolvidos no cuidado de seu filho com TEA.

Palavras-chave: Enfermagem, Mães, Transtorno do Espectro Autista, Cuidado.

ABSTRACT

The mother is the family member who makes the most adjustments in her roles and in her life routines, given the time of dedication and care for her child with ASD Autistic Spectrum Disorder. This resizing of daily activities by mothers can cause economic, practical and emotional impacts on their daily lives. Thus, the aim of this study was to identify in the literary collection the strategies of nurses' actions with mothers of children with ASD. For the elaboration of this integrative review, searches were carried out in the databases - MEDLINE, LILACS and BDENF. Using the combination of the descriptors Nursing, Autistic Spectrum Disorder, Care and Mothers. Articles published in journals in English and Portuguese were included; with a period of publication between 2010 and 2020. 148 studies were collected; however, 06 articles were included as a sample of this research. After reading the collected studies, three categories of analysis emerged: Nursing support for the mother with her autistic child, Impact of the Diagnosis, Perception of Mothers with Group Therapy for autistic children. The present study allowed us to identify that nurses have great importance in supporting the diagnosis and monitoring of children with ASD and their families, working with health education and being considered the link between the family and other health professionals involved in the care of your child with ASD.

Keywords: Nursing, Mothers, Autism Spectrum Disorder, Care.

1Discente de Enfermagem pela Faculdade Cosmopolita.

2Mestrando em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina de Jundiaí (FMJ).

3Doutora em enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente da Faculdade Cosmopolita.

4Doutora em Biotecnologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Docente da Faculdade Cosmopolita.

Autor de correspondência

V. C. A. Galúcio - vanessagalucio@faculadecosmopolita.edu.br

INTRODUÇÃO

As primeiras descrições modernas do autismo foram realizadas no ano de 1940, por Leo Kanner, onde publicou em 1943 o artigo “Os distúrbios autísticos do contato afetivo”¹. Utilizando-se da noção de “Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)”, Kanner descreveu 11 crianças cujo distúrbio patognomônico seria a incapacidade de se relacionarem de maneira normal com pessoas e situações, desde o princípio de suas vidas².

Apesar do grande número de pesquisas e investigações clínicas realizadas em diversas áreas, não se pode dizer que o autismo é um transtorno claramente definido. Há teorias que apontam as alterações comportamentais nos primeiros três anos de vida como relevante para definir o transtorno, geralmente as manifestações clínicas são observadas pelos pais no comportamento da criança que apresenta certas dificuldades na comunicação verbal e não verbal e na interação social e dificuldade no ciclo de atividades e interesses do seu cognitivo².

O autismo pode ser manifestar de forma muito peculiar entre diferentes crianças e em uma mesma criança de uma mesma fase a outra do desenvolvimento, por isso utiliza-se o termo Transtorno de Espectro do Autismo (TEA), sendo que muitos autores referem-se aos autismos, no plural, para se referir às diversas formas de manifestações da doença, apesar dessa diversidade o transtorno do espectro do

autismo, de modo geral, caracterizam-se por alterações qualitativas nas interações sociais, na comunicação e no comportamento³.

A lei federal LEI Nº 12.764/2012 institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA e estabelece como direitos a essas pessoas a vida digna e sua integridade física, psíquica, moral e social; a proteção contra as formas de abuso e exploração e a garantia ao acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde⁴.

Nesse processo de cuidado, a partir de uma implicação maior no tratamento, geralmente, são as mães que identificam os primeiros sinais e sintomas do TEA, buscam o tratamento e acompanham seus filhos no cotidiano⁵.

Um estudo realizado com dez mães evidenciou suas dificuldades relacionadas às trajetórias percorridas em busca do diagnóstico do filho, com a peregrinação em diferentes serviços de saúde e consultas com diversos profissionais e ainda assim, a confirmação diagnóstica ocorre tardiamente na maioria dos casos⁶. Ademais a mãe é o membro da família que mais faz adaptações em seus papéis e em suas rotinas de vida, diante do tempo de dedicação e cuidado com seu filho TEA.

Em face disso, essas mães têm de redimensionar as expectativas quanto ao futuro de seu filho com TEA e quanto ao próprio futuro, já que a demanda de cuidados pode gerar perdas e empobrecimento na vida social, afetiva e profissional dessas mulheres⁷. Esse

redimensionamento das atividades cotidianas por parte de familiares de pessoas com algum tipo de deficiência, o qual causa impactos econômicos, práticos e emocionais, é chamado de “sobrecarga familiar”, do inglês *Family burden*. Para Souza e Scatena⁸ esse termo se refere à presença de problemas, a dificuldades ou eventos adversos que afetam significativamente a vida dos familiares e corresponde ao elemento de sofrimento explicitamente atribuído ao paciente caso seus próprios filhos.

Em relação ao impacto de ter um filho com necessidades especiais, essas mães têm seu cotidiano abalado pela sobrecarga de trabalho, reduzindo o tempo dedicado às atividades que gostam, vivenciam o preconceito, enfrentam burocracia para fazer uso de benefícios/serviços disponíveis, além de terem de lidar com o comportamento da criança⁹. Assim, entende-se que o cuidado deve ser direcionado não só para a criança diagnosticada com TEA, mas, também para suas mães, compreendendo as necessidades da família. E diante da complexidade do TEA, a assistência é prestada por uma equipe multiprofissional, composta por enfermeiros, psicólogos, médicos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicopedagogos, entre outros profissionais¹⁰. Esses profissionais realizam o diagnóstico, avaliação do comportamento e desenvolvimento da criança¹¹.

Quanto ao papel do enfermeiro, o cuidado de enfermagem pode ser relevante para as famílias com membros diagnosticados com TEA,

podendo servir como meio de comunicação entre médicos e familiares¹². O elo entre o enfermeiro e a família é de grande relevância, para isso deve-se realizar uma escuta ativa e assistência de forma sistematizada. Com isso, o olhar do profissional deve ser desprovido de preconceito e atento às necessidades dos familiares e do autista, pois, na maioria dos casos haverá dificuldade na comunicação oral do indivíduo acometido pelo TEA¹³.

Desta forma, o enfermeiro por ser o profissional que possui o primeiro contato com a criança, poderá ser de extrema importância no diagnóstico do autismo, uma vez que a partir das consultas de puericultura irá avaliar o crescimento e desenvolvimento infantil, ressaltando os sinais que o TEA apresenta na infância. Portanto, torna-se relevante estudos que possam contribuir com o conhecimento científico acerca da atuação da enfermagem no suporte uni e multidisciplinar com mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista, além de proporcionar o desenvolvimento de estratégias para uma assistência integral a todos os envolvidos no processo do cuidado a crianças com TEA.

Desse modo, o objetivo deste estudo foi identificar no acervo literário as atuações do enfermeiro com mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativo, descritivo, do tipo revisão integrativa da literatura (RIL). Sob a luz de Souza; Silva e Carvalho¹⁴, este método configura uma ampla abordagem metodológica, que engloba dados da literatura teórica e empírica, incorporando vasto leque de propósitos, como conceitos, revisão de teorias e evidências e aglomerando diversos delineamentos (experimentais e não-experimentais) com a finalidade de compreender a totalidade do fenômeno analisado.

O caminho percorrido nesta pesquisa aconteceu por meio do cumprimento das etapas a seguir: estabelecimento da questão norteadora do estudo; formulação dos critérios de inclusão e exclusão; definição das informações a serem

extraídas das pesquisas selecionadas; avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; interpretação dos resultados; apresentação da revisão; e síntese do conhecimento.

Para a construção da pergunta investigativa desta revisão, optou-se pela utilização da estratégia PICO – acrônimo para População, Interesse, Contexto – que é amplamente utilizada para formular as questões de pesquisa não clínica, pois permite que estas sejam de naturezas variáveis, independentemente do tipo de estudo em que ela será inserida¹⁵.

Desse modo, utilizando a estratégia supramencionada, a construção da questão de pesquisa se deu da seguinte forma:

Quadro – Estratégia PICO para elaboração da questão da revisão integrativa.

Quadro – Estratégia PICO para elaboração da questão da revisão integrativa.

P	População	Mães
I	Interesse	Contribuições da Enfermagem/Atuação do enfermeiro
Co	Contexto	Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Fonte: Dados dos autores (2021)

Assim, definiu-se a questão norteadora desta RIL: Qual assistência prestada pela enfermagem direcionada as mães de crianças diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista?

Esta revisão teve a coleta de dados realizada no período de março a maio de 2021. As buscas foram realizadas nas seguintes bases de dados: Literatura da América Latina e Caribe (LILACS), Literatura Internacional em Ciências da Saúde (MEDLINE) e Base de Dados de Enfermagem

(BDENF). Os descritores utilizados no processo de seleção dos artigos tiveram como base os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS), utilizados de formas distintas, adaptando-se a cada base de dados, como: Enfermagem, Cuidados de Enfermagem, Mãe, Mães, Criança, Autismo, Transtorno do Espectro Autista, Cuidado. Com o objetivo de restringir a amostra, foi aplicado o operador booleano AND junto aos termos elegidos.

Critérios de elegibilidade

Foram eleitos artigos que continham os descritores supracitados; que englobaram a atuação do enfermeiro com mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista; publicados em periódicos na língua Inglesa e Portuguesa; com período de publicação: 2010 a 2020. Foram excluídos os artigos que mesmo apresentando os descritores adotados, não trataram diretamente o conteúdo; e os artigos em duplicidade nas bases de dados utilizadas.

Procedimentos

A seleção dos artigos foi realizada por dois pesquisadores de modo independente que primeiramente, criaram um banco de dados, contendo todos os artigos encontrados nas bases de dados consultadas. Em seguida, estes foram analisados pelos títulos, realizando-se a exclusão daqueles que fugissem completamente do tema.

Em seguida, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, para redução de possibilidades de viés. Se mesmo com a aplicação

dos critérios, o pesquisador tivesse dúvidas sobre determinado artigo, seu resumo era lido para complementar à seleção. Após esta etapa, foram retirados os artigos duplicados entre as bases de dados, chegando assim ao número final de estudos incluídos na pesquisa.

E por fim, para a definição das informações extraídas das pesquisas selecionadas e incluídas nesta revisão integrativa, foi elaborado instrumento adaptado, com título do artigo, do periódico, país, idioma, ano de publicação e nomes dos autores. Quanto às características metodológicas, foram verificados: tipo de publicação e objetivo ou questão de investigação.

RESULTADOS

Após a realização da estratégia de busca, foram identificados 148 artigos. As fases de triagem e aplicação dos critérios de inclusão (elegibilidade) foram ilustradas na Figura 1. Ao final, a amostra foi composta por 6 artigos.

Figura 1- Seleção dos artigos de pesquisa nas bases de dados.

Fonte: Elaboração Própria

Foram excluídos 77 estudos por não abordarem situações com mães de crianças com transtorno do espectro autista, nem as contribuições da enfermagem neste contexto, e sim vários estudos específicos da psicologia, enfermagem, terapia ocupacional e entre outras áreas de conhecimento com abordagens para neurologia, focadas apenas na criança, não levando em consideração a família e o ambiente sociais.

Ainda, constatou-se que 41 das pesquisas encontradas englobam a temática atuação do enfermeiro com mães de crianças com transtorno do espectro autista de forma ampla, mas não possuem resumo ou conteúdo pertinente para este estudo, sendo assim excluídos desta pesquisa. Vale ressaltar que boa parte das publicações coletadas

evidenciam a atuação da equipe multidisciplinar na atenção ao cuidado das mães de crianças com TEA, sendo poucas que explicitamente tratam exclusivamente da enfermagem nesta temática.

Verificou-se que o ano de publicação variou de 2015 a 2020. Quanto ao delineamento dos estudos coletados, em grande maioria, foram estudos qualitativos. Em relação à atuação do enfermeiro com mães de crianças com autismo, os artigos analisados apresentaram a função deste profissional como fundamental no diagnóstico e acompanhamento de crianças com autismo e seus familiares, evidenciando que a mãe da criança sofre grande sobrecarga de responsabilidade e merece o olhar da equipe de saúde para o cuidado integral. Conforme observado no quadro 1.

Quadro 1-Quadro sinóptico dos estudos selecionados para a amostra.

AUTOR	ANO	BASE	OBJETIVO	DELINEAMENTO	PRINCIPAIS RESULTADOS	DESFECHO
Ebert; Lorenzini; Silva⁸.	2015	LILACS	Conhecer as percepções de mães de crianças com autismo quanto às alterações apresentadas pelo filho e às suas trajetórias percorridas na busca pelo diagnóstico de autismo.	Estudo Qualitativo	A partir da análise de conteúdo, Emergiram as seguintes categorias: "percepção de mães quanto a alterações no comportamento e/ou desenvolvimento de seus filhos" e "Trajetórias das mães na busca pelo diagnóstico do filho".	Os resultados desta pesquisa indicam que essas mães enfrentam dificuldades nas trajetórias percorridas em busca do diagnóstico do filho, peregrinam pelos serviços de saúde, passam por diversos profissionais e, em muitos casos, a confirmação diagnóstica ocorre tardiamente.
Pinto; Torquato; Collet; Reichert; Neto; Saraiva¹⁶.	2016	LILACS	Analisar o contexto da revelação do diagnóstico do autismo e o impacto deste nas relações familiares.	Estudo Qualitativo	Estudo realizado com 10 familiares de crianças com autismo. Identificou-se uma unidade temática central com respectivas categorias: o impacto da revelação do diagnóstico de autismo para a família; características da revelação do diagnóstico: o local, o tempo e a relação dialógica entre o profissional e a família; alterações nas relações familiares e a sobrecarga materna no cuidado à criança com autismo.	Há necessidade do profissional de saúde que noticiará o autismo saber preparar melhor a família para enfrentar as dificuldades impostas pela síndrome e para conquistar a autonomia no cuidado à criança autista.
Santos-Filho; Cruz; Nascimento; Marinho; Tenório¹⁷.	2020	MEDLINE	Apresentar a relevância do papel do enfermeiro no diagnóstico do autismo.	Revisão Integrativa	Oito estudos responderam à pergunta de pesquisa. Identificou-se que a atenção do profissional de enfermagem não pode estar só direcionada para o autista, mas também para sua família; deve-se tentar diminuir o medo, o preconceito e o sentimento de inferioridade perante a sociedade.	O enfermeiro é fundamental no processo diagnóstico do autismo, devendo se atentar aos sinais e sintomas do autismo, proporcionando uma boa assistência de enfermagem à criança e seus parentes, encorajando, transmitindo segurança e tranquilidade a todos.

Rendon; Salimena; Amorim; Paiva; Melo; Batista ¹⁸ .	2019	BDEF	Desvelar sentidos de mães na convivência com filhos acometidos pelo transtorno de espectro autista (TEA).	Estudo Qualitativo	Foram realizadas entrevista fenomenológica com 14 mães. As mães significaram que a convivência trazia aprendizagens, mudanças como ser humano e busca por saber tudo a respeito de autismo, e não conseguir trabalhar, por ter de cuidar do filho, sentir-se excluída e sobrecarregada.	A convivência permitiu compreender as mudanças, exigências e cobranças que cabiam à mulher que, de modo inautêntico, ocupava-se com a rotina de cuidados ao filho. Preocupando-se em oferecer o melhor de si, sentia-se distante do cuidado consigo e com suas relações sociais e familiares.
Faro; Santos; Bosa; Wagner; Silva ¹⁹ .	2019	LILACS	Comparar dois grupos de mães de crianças com autismo (com e sem estresse), quanto à: (a) sobrecarga cuidado, (b) autonomia da criança; e (c) percepção de suporte familiar.	Quantitativo: Comparação de grupos	Participaram 30 mães de crianças, de três a sete anos de idade, com TEA. Os resultados revelaram que, mães com estresse tiveram quase o dobro de percepção de sobrecarga, enquanto as sem estresse perceberam maior suporte familiar.	A importância do suporte familiar na adaptação de mães de crianças com autismo.
Galvão; Marques; Teixeira; Cunha ²⁰ .	2018	MEDLINE	Conhecer como se desenvolve a consulta de enfermagem junto da família da criança com TEA e identificar o que avaliam e que planos de cuidados os enfermeiros desenvolvem quando assistem a família da criança.	Revisão Integrativa	Sete estudos foram selecionados. Os enfermeiros centram a atuação na criança, realizam avaliação do desenvolvimento infantil e conhecimento da família sobre a perturbação, identificando necessidades da família.	Os enfermeiros não se sentem preparados para lidar com a família da criança, necessitam formação. Têm de direcionar a prática para as necessidades dos pais e irmãos.

Fonte: Elaboração própria

DISCUSSÃO

Durante a leitura exaustiva e análise das publicações, emergiram temas-eixos (unidades de significados) que possibilitou formar as categorias temáticas dessa revisão. Então, emergiram as seguintes categorias: Apoio de enfermagem à mãe com o filho autista, Impacto do Diagnóstico, Percepção das Mães com Terapia de grupo para crianças autistas. A seguir temos as categorias analisadas.

Categoria 1: Apoio de enfermagem à mãe com o filho autista

Nessa categoria agruparam-se as publicações que trataram sobre o apoio de enfermagem à mãe com o filho autista. A enfermagem, enquanto profissão, cuja ferramenta principal de trabalho é o cuidado, deve focar sua atenção nas crianças autistas e em suas mães, bem

como nos cuidadores, cujo sofrimento pode estar encoberto pelo próprio existir do filho. Essas mães necessitam de atenção para que possam cuidar de seus filhos e de si mesmas participando ativamente do processo de tratamento^{6, 17, 18}.

Sob a ótica de Galvão, Marques, Teixeira e Cunha²⁰, o enfermeiro é o profissional que por meio de laços de confiança com a família deve exercer a educação em saúde, informando sobre o autismo e suas características, bem como sobre as redes de apoio, focando em estratégias para ajudar no desenvolvimento da criança e no cuidado integral de todos os envolvidos neste processo.

A falta de conhecimento é uma dificuldade pelos profissionais da saúde ao lidar com a família de crianças com autismo. Mesmo com a incidência de 4-5 crianças com TEA por cada 10.000 nascimentos, a abordagem no cuidado ainda não está consolidada, afetando os cuidados pela enfermagem^{6,20}. Portanto, cabe aos profissionais

da saúde se aprofundarem nas evidências científicas disponíveis sobre a temática e sempre se atualizarem para garantir o cuidado de qualidade.

Identificou-se a necessidade de uma abordagem psicoeducacional preventiva para auxiliar as relações familiares no enfrentamento de desafios proporcionados pelo autismo, aumentando o sentimento de controle e domínio por parte dos membros do seio familiar¹⁹.

O enfermeiro é peça fundamental neste cenário, visto que, é o profissional que tem contato direto com a criança, acompanhando o crescimento e desenvolvimento. Cabe ao enfermeiro ser mediador entre a família e outros profissionais da saúde, direcionando-os na rede de cuidado e a uma equipe multiprofissional, acarretando assistência eficaz e construção de vínculos com a família e o autista^{16,17,18}.

Em estudo, Ebert, Lorenzini e Silva⁶, constatou que os participantes da pesquisa declararam frequentar com seus filhos autistas os serviços médicos e de enfermagem das Unidades Básicas de Saúde (UBS). Imersos na atenção primária, os enfermeiros são responsáveis em conjunto com o pediatra pelo atendimento de rotina à criança. Logo, para promover um plano de cuidados (inclusive com atenção à saúde da mãe, uma vez que, cabe a este profissional ter sensibilidade em todo percurso da assistência e internalizar que muitas vezes esse responsável está fragilizado), direcionar na rede assistencial para confirmação de diagnóstico e tratamento, esses profissionais precisam se instrumentalizar, bem

como se capacitarem visando garantir a assistência integral^{6, 17, 20}.

Categoria 2: Impacto do Diagnóstico

Nesta categoria agruparam-se as publicações que tratam sobre o, Impacto do Diagnóstico. Revelou que as mães são as que mais sofrem, principalmente pela sobre carga de trabalho em relação à criança, pois alguns de seus familiares acabam se afastando^{6, 16, 17, 20}.

O diagnóstico precoce está diretamente relacionado ao início do tratamento e a implantação das intervenções, que são baseados na melhora do desenvolvimento funcional e diminuição de comportamentos vistos como inadequados¹⁶. Para isso, são utilizados técnicas e métodos fundamentados em princípios comportamentais, tais como: a Classificação dos transtornos mentais e de comportamento da CID-10, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM- IV), e o Checklist for Autism in Toddlers. Dessa forma, os médicos especialistas (psiquiatra e neuropsiquiatra infantil), são os únicos profissionais habilitados para realizar o diagnóstico, já que possuem competência nos aspectos clínicos e de diagnósticos relativos aos distúrbios mentais^{17, 19}.

A chegada de uma criança autista cria alterações da dinâmica familiar. O dever de compreensão nos tratamentos e diversas vezes a obrigação do envolvimento de outros componentes na atenção com a criança autista é capaz de gerar sentimentos negativos como raiva e irritação pelo

peso são reações executáveis. Além do mais, há, na maior parte dos casos, uma autoridade fixa da mãe quanto ao cuidado, regulamente integral, levando a viver em serviço da criança autista, como resultado, essa mulher a se fecha, paralisando até mesmo sua vida profissional e acadêmica¹⁸.

No processo de diagnóstico, a família assume grande papel, uma vez que, percebe precocemente o atraso na fala e linguagem, a ausência de interação social com crianças da mesma idade e a preferência pelo isolamento. A hipótese diagnóstica surge por intermédio das informações dos pais e/ou responsáveis, contribuindo para o tratamento precoce^{16, 19}.

Cabe salientar que o momento de detecção e confirmação do diagnóstico de qualquer doença ou síndrome crônica agrega sentimentos diversos e sensações, como insegurança, culpa, medo e desesperança, intensificando quando o paciente é uma criança. Neste sentido, o profissional de enfermagem, bem como o médico pediatra devem ter conhecimento sobre a forma de transmitir a informação aos pais referente a suspeita do autismo na primeira infância^{19, 20}.

O enfermeiro pode contribuir na elucidação do diagnóstico, observando o comportamento da criança nas consultas de enfermagem, internações hospitalares e visitas domiciliares. Com as observações da família, como já mencionado, torna-se oportuno a troca de saberes sobre o transtorno, o acompanhamento e a identificação do grau de compreensão dos envolvidos^{6, 18, 19}.

Categoria 3: Percepção das Mães com Terapia de grupo para crianças autistas

Nesta categoria agruparam-se as publicações que tratam sobre a Percepção das Mães com Terapia de grupo para crianças autistas, para essas mães, a participação da criança na terapia de grupo significa a possibilidade de obter benefícios em sua convivência social e no seu desenvolvimento psicomotor e comportamental, bem como proporciona aos pais uma maior participação em seus cuidados e consequentemente a obtenção de maiores conhecimentos sobre este transtorno^{6, 16}.

Nessa direção, destaca-se a abrangência de fatores que envolvem as ações humanas, bem como as várias habilidades imbricadas nesse processo, sobretudo, por tratar do espectro autista em face da variabilidade na manifestação dos sintomas nas diferentes fases da vida das pessoas autistas⁶. Ademais, é preciso entender a influência de inúmeros fatores na interação social dessas crianças, no que diz respeito ao tipo de contexto em que a interação ocorre à participação do outro (seja adulto ou criança) e ao nível global de desenvolvimento de cada criança – características da síndrome, peculiaridades do desenvolvimento, QI, nível linguístico e simbólico, temperamento e gravidade dos sintomas¹⁸.

Aproveitar a atenção e a iniciativa de crianças com autismo para explorar determinados objetos e utilizar esta iniciativa como via para estabelecer e manter as trocas de ações com essas crianças pode ser uma alternativa frutífera para

enriquecer o contato social delas com outras pessoas, tanto com adultos como também com outras crianças^{6,18}.

Em estudos coletados de abordagem qualitativa, mães de crianças com TEA relataram que a vivência da maternidade está imbricada a sobrecarga de responsabilidades e cuidado, considerando as relações familiares fonte de auxílio nas dificuldades enfrentadas^{6,16,19}. A figura feminina predomina quando se refere a sobrecarga diante dos cuidados, visto que, a divisão de tarefas parentais não é igualitária¹⁹.

O apoio social é um aspecto positivo no enfrentamento das famílias de crianças com TEA. Após o diagnóstico, mães relataram lidar bem com o novo estilo de vida, mas que consideram um modo de viver fora da normalidade. A nova rotina inclui os afazeres comuns da maternidade e um tempo maior dedicado aos cuidados e terapias do filho com TEA^{16,18}.

A mãe muitas vezes lida com consequências emocionais próprias e dos familiares, tendo sua saúde mental afetada pela sobrecarga, uma vez que, trata-se da cuidadora principal da criança com TEA e também mantém seus papéis de esposa, familiar, profissional e mulher^{16,18,19}. Ressalta-se a importância da equipe de saúde em internalizar este contexto global e traçar estratégias que objetivem cuidado integral da família e não apenas olhar para a saúde da criança.

CONCLUSÃO

O Transtorno do Espectro Autista é uma temática relevante para discussão nas áreas da educação e ciências da saúde. Apesar desta importância, ainda é muito insipiente a quantidade de estudos publicados que debatem a atuação do enfermeiro junto às mães de crianças com TEA. O presente estudo permitiu identificar que o enfermeiro possui grande importância no diagnóstico e acompanhamento de crianças com TEA e seus familiares, atuando com a educação em saúde e sendo peça chave no contato da família com outros profissionais da saúde.

Esta revisão constatou a necessidade de compreender o impacto socioemocional que é gerado em familiares de crianças após o diagnóstico de TEA, principalmente para o cuidador principal, corriqueiramente a figura materna, que assume grande responsabilidade e sobrecarga no cuidado. Cabe ao profissional da saúde ter o olhar global na prestação da assistência e traçar um plano de cuidados que envolva todos, e não apenas a criança.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada e Temática. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015.
2. Silva, M; Mulick, AJ. Diagnosticando o transtorno autista: Aspectos fundamentais e considerações práticas. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, DF, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009.
3. Nascimento, Y. et. al. Transtorno do Espectro Autista: Detecção Precoce pelo Enfermeiro na estratégia saúde

- da família. *Rev baiana enferm* (2018); 32:e25425.
4. Brasil. Lei Ordinária Federal nº 12.764. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF: Senado Federal; 2012.
5. Santos, SA. Transtornos Globais do Desenvolvimento TGD procedimentos e encaminhamentos. Departamento de Educação Especial Diretoria de políticas e tecnologias educacionais. Curitiba, 2016.
6. Ebertb, M; Lorenzini, E.; Silva, E.. Mães de crianças com transtorno autístico: percepções e trajetórias. *Rev Gaúcha Enferm.* 2015 mar; 36(1):49-55. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2015.01.43623..>
7. Balestro JI, Fernandes FDM. Questionário sobre dificuldades comunicativas percebidas por pais de crianças do espectro do autismo. *Rev soc bras fonoaudiol* [Internet]. 2012 [citado 2020 ago 11];17(3):279-86. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v17n3/08.pdf>
8. Souza RC, Scatena MCM. Produção de sentidos acerca da família que convive com o doente mental. *Rev. Latamer. Enf.* 2005 mar/abr; 13(2): 173-9.
9. Velloso RL, Duarte CP, Schwartzman JS. Evaluation of the theory of mind in autism spectrum disorders with the Strange Stories test. *Arq neuro psiquiatr* [Internet]. 2013 [citado 2020 dez 08];71(11):871-6. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anp/v71n11/0004-282X-anp-71-11-0871.pdf>
10. Carniel EL, Saldanha LB, Fensterseifer LM. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. *Pediatria* [Internet]. 2010 [citado 2021 mai 25];32(4):255-60. Disponível em: <http://www.pediatrasiapaolo.usp.br/upload/pdf/1361.pdf>
11. Bernardes LCG, Maior IMML, Spezia CH, Araujo TCCF. Pessoas com deficiência e políticas de saúde no Brasil: reflexões bioéticas. *Ciênc saúde coletiva*. [internet]. 2009 [citado 2021 mai 13];14(1):31-38. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n1/a08v14n1.pdf>.
12. Schmidt C, Bosa C. A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um modelo. *Interação psicol.* [internet]. 2003 [citado 2021 mai 12];7(2):111-120. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/3229/2591>.
13. Sena RCF, Reinalde EM, Silva GWS, Sobreira MVS. Practice and knowledge of nurses about child autism. *J res fundam. care.* Online. [Internet]. 2015. [citado 2021 mai 21];7(3):2707-16. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3883>
14. Souza Marcela Tavares de, Silva Michelly Dias da, Carvalho Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein* (São Paulo) [Internet]. 2010 Mar [citado 2021 Mai 20]; 8(1): 102-106. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082010000100102&lng=en. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>.
15. Santos CMC; Pimenta CAM; Nobre MRC. A estratégia pico para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. *Rev. Latino Americano de Enfermagem*, 15(4), 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/CfKNnz8mvSqVjZ37Z77pFsy/abstract/?lang=pt>
16. Pinto RNM, Torquato IMB, Collet N, Reichert APS, Souza NVL, Saraiva AM. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Rev Gaúcha Enferm.* 2016 set;37(3):e61572. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>.
17. Cerilo dos Santos Filho M, Edvirens Lima da Cruz L, Stefany Rocha do Nascimento B, Constância Feitoza Marinho J, Kédima Diniz Cavalcanti Tenório A. A Importância do Profissional Enfermeiro no Diagnóstico do Autismo: Uma Revisão Integrativa da Literatura. *Psicodebate* [Internet]. 22º de outubro de 2020 [citado 27 de maio de 2021];6(2):235-4. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/V6N2A15>
18. Rendon DCS, Salimena AMO, Amorim TV, Paiva ACPC, Melo MCSC, Batista BLV. Convivência com filhos com transtorno do espectro autista: desvelando sentidos do ser-ai-mãe. *Rev baiana enferm.* 2019;33: e31963.
19. Faro KCA, Santos RB, Bosa CA, Wagner A, Silva SS da C. Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. *Psico* [Internet]. 1º de agosto de 2019 [citado 27 de maio de 2021];50(2): e30080. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/30080>
20. Galvão DMPG; Marques CSS; Teixeira DNC; Cunha MPG. O Enfermeiro e a família da criança com perturbação do Espectro do Autismo, *Revista INFAD de Psicologia*. Portugal, 2018. Disponível em: <http://www.infad.eu/RevistaINFAD/OJS/index.php/IJODAEP/article/view/1274/1104>

OBSERVAÇÃO: Os autores declaram não existir conflitos de interesse de qualquer natureza.